

Difamação, diz candidato

MANOEL LIMA
Correspondente

Manaus — Do Amazonas, Fernando Collor de Mello, acusou ontem os seus críticos de "praticarem um desserviço à causa da democracia, com acusações levianas contra quem está procurando encontrar os verdadeiros caminhos para um País soberano, forte, justo socialmente e em desenvolvimento". Fernando Collor, na tumultuada entrevista coletiva à imprensa na Assembléia Legislativa, disse estar preparado para a campanha de difamação de que será alvo dos seus adversários, mas que não descerá ao nível da discussão rasteira, "porque eles não têm nada a dar ao País, mas brigaram por aumentar os seus salários de deputados".

Sobre o aparato militar na sua chegada, Fernando Collor procurou minimizar o episódio. Para ele, "não houve represália ao fato de ter criticado alguns militares ou ameaçado de extinção o SNI. Certamente estão cumprindo regulamentos, já que o Aeroporto é militar", contestou ele, lamentando contudo que não pudesse ter de-

sembarcado pelo aeroporto Eduardo Gomes. Também afirmou que sua posição de não querer conversar com militares agora, "não quer dizer que sou contra eles. É uma questão de postura". Quanto à caça aos Marajás, que tem sido a tônica de sua campanha, prometeu que não será apenas o cuidado e a preocupação sua com quem ganha muito e não trabalha que norteará a sua ação na Presidência da República se for eleito. "Os Marajás, vamos continuar caçando, para tirar-lhes o emprego e o gordo salário e dividi-los com aqueles que não têm emprego e se os tem, que trabalhem e ganham pouco". Quanto ao seu programa para a Amazônia, pregou o fortalecimento dos organismos regionais de desenvolvimento na região. Sobre novos apoios que deverá receber de políticos até o dia 15 de novembro, negou que o PDC do Amazonas, comandado pelo governador Amazonino Mendes, que é contrário à candidatura de Ronaldo Caiado, venha a colidir. "Os rumos da minha candidatura e campanha no Amazonas estão nas mãos do vereador Mário Frota", informou.